

JÚLIO DANTAS

D. BELTRÃO de FIGUEIRÔA



PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

LISBOA

1902

6. 20.00

D. Beltrão de Figueirôa

*Comédia em um acto, representada pela primeira vez no antigo teatro
D. Amélia, em 31 de maio de 1902*

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

D. Beltrão de Figueirôa

COMÉDIA INGÉNUA, AO GÓSTO DO SÉCULO XVII

QUINTA EDIÇÃO

11 de maio 2008

PER ORDIN PALATIS



LISBOA

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

ARTHUR BRANDÃO & C.^a

RUA DA CONDESSA, 80

A comédia de Júlio Dantas, D. Beltrão de Figueirôa, que agora se publica em 5.^a edição, foi escrita, a pedido de Lucília Simões, para uma das suas festas artísticas, e representada pela primeira vez, com grande êxito, na noite de 31 de maio de 1902, no antigo Teatro de D. Amélia. Encarregou-se da parte de Celimena, Lucília; da parte de Dorotéa, Lucinda Simões; da parte de D. Beltrão, Cristiano de Sousa; a Chaby Pinheiro coube o papel de Marquês; a Henrique Alves, o de Frei André. Daí por diante, a graciosa comédia, que se diria uma tela animada de Valasquez, foi incessantemente representada em Portugal e no Brasil, por profissionais e por amadores de teatro, sendo digna de nota a interpretação que lhe foi dada pelas sr.^{as} Condessa de Arge (Celimena), D. Luísa Mayer de Melo (Dorotéa), e pelos srs. Marquês do Lavra-

dio (D. Beltrão), Conde de Santar (Frei André), e D. José Sabugosa (Marquês), na récita de gala que, com desusado brilho, a sociedade aristocrática de Lisboa realizou, no Teatro de D. Maria II, na noite de 1 de abril de 1905. Esta peça foi traduzida em várias línguas e representada no estrangeiro. Estão publicadas a tradução alemã de Erik Löve, com o título de Verfehlte List, ed. Edvard Bloch, 1905, e a tradução italiana de Giulio de Medici, com o título de Il Cavaliere del Fiore, in La Commedia della Domenica, fascículo 3.º, de janeiro de 1920.

Portugal-Brasil, L.^{da}

FIGURAS

<i>D. Beltrão de Figueirôa</i>	CRISTIANO DE SOUSA
<i>O Marquês, primo de Celimena</i>	CHABY PINHEIRO
<i>Frei André</i>	HENRIQUE ALVES
<i>Celimena</i>	LUCÍLIA SIMÕES
<i>Dorotêa, dueña</i>	LUCINDA SIMÕES

Em casa de *Celimena*. — Século xvii.

D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

Um interior fidalgo do século xvii. — Tapeçarias, pinturas sacras. — Bufete, livros, tamboretes. — Velhas faianças espanholas. — Na sombra, a nota severa dum grande armário holandês. — A meio da scena, uma enorme cadeira fradesca, de alto espladar de couro lavrado. — Sobre um escano, nas dobras dum velho damasco amarelado, um cofrezinho de prata. — Um violoncello; um violino.

CELIMENA, *sentada ao bufete, a ler, entre livros;*
DOROTÊA, *ao fundo, sòzinha, ensaiando os*
passos duma pavana real.

CELIMENA, *declamando, com solenidade*

*Liquisse Parnassum et juga frondea
Phæbum et sorores cerno Heliconides...*

DOROTÊA, *atravessando a scena, em passos de dança*

Menina?

CELIMENA

Não é contigo. (*Voltando-se, e vendo DOROTÉA a dançar*) Que estás tu a fazer ?

DOROTÉA

São os passos da pavana, que a menina me ensinou. (*Segurando as ilhargas da saia, em pulinhos cómicos*) Primeiro êste pé... Depois êste... Muita graciosidade... A cabeça alta... (*Dançando e acompanhando-se, num velho estilo de pavana*) — Tra-la-ra... Tra-la-ra... — Pois não é assim, menina ?

CELIMENA, *distráida, lendo*

É.

DOROTÉA

Se o primo Marquês quisesse dançar hoje comigo...

CELIMENA, *embevecida na leitura*

Phæbum et sorores cerno Heliconides...
Como isto é belo, Dorotéa ! Tu não percebes. Mas é do melhor poeta da Academia dos Singulares...

DOROTÉA, *desvanecida, olhando* CELIMENA

O que a menina sabe! Até sabe latim! Se fosse minha filha, era coisa que não lhe tinha ensinado... Jesus! Lá diz o outro: «Mulher que sabe latim, e...»

CELIMENA, *gravemente*

A mulher deve saber tudo quanto os homens sabem.

DOROTÉA, *tapando a cara, num sincero pudor*

Ai, credo, menina! Não diga isso diante de gente! Tudo...! Oh! Oh! — Lá cantar... E tocar harpa... E rabeca... Dançar o minuete... E a pavana... Sobretudo, dançar... Dançar... (*Não podendo conter-se e atravessando de novo a scena em passos de pavana real*) — Tra-la-ra... tra-la-ra... — Eu então, se pudesse, estava sempre a dançar...

UM CRIADO, *numa grande mesura, assomando ao fundo*

Entrou um côche no pátio.

DOROTÉA

Um côche?

CELIMENA, *ao criado*

Veja quem é.

O CRIADO, *imperturbável*

Um fidalgo e um frade.

CELIMENA, *a DOROTÉA, que se encaminha para o fundo*

Vê tu, Dorotéa.

DOROTÉA, *voltando, imediatamente*

O frade é Frei André, que foi mestre da menina.

CELIMENA

Frei André...? — E o fidalgo?

O CRIADO

O fidalgo não desceu do côche.

CELIMENA, *ao criado*

Pergunte ao que veem, e o que quer o frade. (A DOROTÉA) Trazê esse cofre para o meu toucador, Dorotéa.

DOROTÉA, *com o cofre de prata na mão,*
saindo com CELIMENA pela E. baixa

E' capaz de ser recado do primo Marquês. Talvez não venha hoje.

FREI ANDRÉ, *ao criado*

Diga que é Frei André, violinista, cantor da capela real e expositor da poética de Aristóteles, que deseje falar à dueña da menina.

CELIMENA, *aparecendo à porta*

Frei André...

FREI ANDRÉ

Oh! Celimena...! Como vai a mais preciosa das preciosas? (*Escondendo a mão, que CELIMENA quer beijar*) Então... Então...